

# O problema da sexualidade feminina na teoria freudiana: uma questão em aberto

Este capítulo será apresentado em duas partes: a primeira abordará as características gerais do período vitoriano, com ênfase no puritanismo e na sexualidade; e a segunda se dedicará aos principais textos de Freud sobre a teoria da sexualidade, que trataram direta ou indiretamente da questão do feminino e da mulher, permitindo uma análise histórico-crítica desses textos específicos. O período vitoriano exerceu grande influência sobre os costumes da Europa e do mundo ocidental como um todo, principalmente nos séculos XVIII e XIX, deixando seu lastro até os dias atuais, em relação aos costumes; serviu de pano de fundo para o surgimento da Psicanálise, para o desenvolvimento da teoria da sexualidade e, especificamente, evidenciou o aprisionamento da mulher na vida privada e sua condição de mantenedora da ordem patriarcal na figura da mãe. Esta condição levantada em torno da mulher acompanha a evolução do pensamento de Freud, possibilitando que o autor pudesse realizar descobertas teórico-clínicas, a partir da necessidade de entender o desenvolvimento psicosssexual das mulheres, destacando-se, primeiramente, sua tese sobre a bissexualidade, posteriormente o complexo de castração e, finalmente, de forma complementar, a relação da menina com a mãe nas fases pré-edípicas.

## *Aspectos históricos e sociológicos sobre a questão da mulher: o período vitoriano, o puritanismo e a sexualidade*

Segundo Santana e Senko (2016), convencionou-se chamar de período vitoriano aquele que compreende o reinado da Rainha Vitória na Inglaterra (1837-1904) e que teve como aspecto importante sua expansão temporal e geográfica,<sup>1</sup> uma vez que exerceu grande influência sobre os costumes da Europa como um todo e do mundo ocidental, deixando seu lastro até os dias atuais. Perrot et al. (1991) denominam a influência do período vitoriano na Europa dos séculos XVIII e XIX como anglomania, dissipada principalmente pelas classes dominantes que encontravam neste estilo de vida uma forma de distinção em relação à classe operária.

O período vitoriano, entre outras características, apontou para um controle acentuado sobre o comportamento sexual, principalmente das mulheres, apesar da contradição de ter sido conduzido por uma mulher como chefe de Estado. Nesse período, os papéis sexuais eram rigidamente definidos e seguiam as bases do puritanismo (Perrot et al., 1991).

O puritanismo<sup>2</sup>, em relação aos costumes, foi um período marcado pela ética da constância (Leites, 1987), que teve seu apogeu nos séculos XVII e XVIII e influenciou os séculos posteriores em relação ao modo de ser das sociedades ocidentais. Foi marcado, sobretudo, pela firmeza e sobriedade como resposta à Inglaterra “velha e alegre” dos séculos anteriores. Baseado nos movimentos religiosos que culminaram no protestantismo e no surgimento

---

1 Segundo Perrot et al. (1991), “A prioridade concedida à Inglaterra é sem dúvida justificada, principalmente na primeira metade do século XIX. A seguir, a Alemanha, de tanto vigor cultural, e, no começo do século XX, os Estados Unidos passam a exercer uma atração cada vez maior, às vezes numa relação de rivalidade” (p. 18).

2 Analiso neste trabalho apenas o aspecto relacionado aos costumes e à influência do puritanismo na vida cotidiana das sociedades ocidentais, porque é esse elemento que nos permite entender como as teorias da sexualidade de Freud e do desenvolvimento emocional de Winnicott se aproximaram ou se distanciaram das características deste contexto histórico. Sabe-se que esse período forneceu instrumentos para grandes mudanças em âmbito religioso e político que não serão abordadas aqui.

da burguesia (pós-Revolução Francesa), foi uma resposta ao catolicismo e ao poder da nobreza.

Segundo o que sugere o historiador inglês Edmund Leites (1987), diferentemente dos estoicos, que propunham a felicidade por meio do conhecimento e eliminação dos vícios da alma (emoções), e dos ascetas, que defendiam o autocontrole por meio do afastamento das questões relativas ao corpo, os puritanos entendiam que deveriam ser determinados o lugar e a hora para que os prazeres do corpo fossem atendidos, sendo o casamento a única possibilidade para a realização dos desejos sexuais.

Para que a consciência puritana pudesse vigorar, foi instituído um ideal normativo de autocontrole, caracterizado por cinco aspectos: firmeza de sentimentos aliada a um temperamento oscilante (formas opostas de expressão convivendo diretamente); redução de envolvimento emocional na vida social, mantendo as boas maneiras; restrição das emoções, estando a vida emocional circunscrita ao âmbito privado; pureza ética estabelecida por meio de uma vida cotidiana de retidão moral, em que a mãe era responsável por garantir que as crianças se tornassem adultos livres de erros e falhas; e estabelecimento de um ideal integrativo e harmonioso entre prazer erótico e constância moral e emocional (afeto e amor), instituindo uma ideia de contentamento – estar contente nesse cenário é uma maneira de manter-se livre das excitações, o que passa a ser, então, uma importante forma de repressão.

Sobre o tema das virtudes vitorianas, Morais (1999) escreve:

*As virtudes vitorianas eram especificamente vinculadas à postura moral, entendendo-se moral vitoriana como o conjunto de respostas, tanto emocionais como intelectuais, a um processo histórico permeado por crises, revoluções e avanços científicos. Eram consideradas virtudes, no século XIX inglês, a disciplina, a retidão (seriedade – **earnestness**), a limpeza, o trabalho árduo, a autoconfiança, o patriotismo, entre outros. As virtudes eram também entendidas em suas conotações sexuais de castidade e fidelidade conjugal, o que gerou a concepção popular do Vitorianismo como obsessivamente puritano em suas caracterizações. (p. 28)*

Em relação ao suposto autocontrole, Santana e Senko (2016) apontam para o desenvolvimento da expressão literária, que buscou analisar o paradoxo entre luz e sombra, desvendando o que de fato estava encoberto sob o manto da polidez. Nesse período, destacam-se as descobertas de Freud sobre os mistérios da psique humana e a criação da Psicanálise e dos livros: *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde; *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson; “William Wilson”, de Edgar Allan Poe; e *As aventuras de Sherlock Holmes* de Arthur Conan Doyle.

Vê-se, dessa forma, que havia uma séria restrição ao prazer, existindo, de um lado, um embate entre a excitação erótica intensa e apaixonada e, de outro lado, a firmeza e a alegria sóbria conquistadas pela autodisciplina e constância.

### *A mulher no período vitoriano: o controle do pathos e a criação da mulher doméstica, o poderoso sexo frágil*

Gay (1995) mostra como a Revolução Francesa e o surgimento da sociedade industrial empurrou as mulheres burguesas para a vida doméstica, perdendo postos que tinham sido adquiridos no Iluminismo. Os debates sobre a questão da mulher acerca de seu papel e sua natureza, a partir de uma via mais revolucionária (as sufragistas<sup>3</sup>, por exemplo), começaram a entrar em choque com o renascimento religioso da burguesia e o culto à domesticidade.

O apelo à vida doméstica está em parte relacionado ao atendimento de um ideal normativo<sup>4</sup> apregoado pelo puritanismo, a partir do estabelecimento de uma hierarquia de gênero com papéis claramente definidos, de forma que as mulheres eram vistas como puras e, por isso, capazes de canalizar o prazer

3 As sufragistas foram mulheres responsáveis pela primeira onda feminista, movimento que se iniciou no século XIX no Reino Unido, tendo como ponto central a luta pelo direito ao voto.

4 Há também um componente econômico importante: permitir que os homens pudessem concentrar seus esforços na produção (vida pública é também equivalente ao mundo dos negócios) e atender, assim, aos interesses da Revolução Industrial e do capitalismo emergente.

erótico apenas no casamento (vida doméstica), enquanto os homens, por serem viris, poderiam sentir prazer dentro e fora da relação conjugal. Essa delimitação de papéis determinou a fixação das mulheres como detentoras do poder em âmbito privado e os homens transeuntes entre o privado e o público. Ou, como mencionam Perrot et al. (1991) e Gay (1995), a diferenciação entre os papéis sexuais na família estabeleceu a oposição entre o “homem político” e a “mulher doméstica”, havendo, sobretudo, a intenção de marcar a distinção entre os sexos, veementemente reforçada pela diferença biológica e psicológica<sup>5</sup>.

Esse modelo de relação passou a ser a identidade da classe média burguesa e reverberou na configuração das classes operárias, que passaram também a operar moralmente, segundo “as virtudes da boa dona de casa” (Perrot et al., 1991).

As obras literárias tentavam expressar as contradições da sociedade da época e, principalmente, o papel colocado à mulher, como mantenedora da ordem. Dessa maneira, para que a consciência moral puritana fosse mantida, homens e mulheres deveriam ocupar seus papéis com retidão. Do ponto de vista religioso, ao homem e à mulher que seguissem esse ideal normativo seria concedida a salvação. Em termos da moralidade, haveria de ser respeitada uma hierarquia na qual a mulher seguiria o marido, uma vez que ele é a cabeça e, portanto, pode mandar, e ela é o corpo, detentor do pecado. Nesse sentido, o conhecimento é dominado pelo homem e a mulher detém o *pathos*, que deve ser controlado, uma vez que o universo das paixões é oscilante e perigoso.

Essa suposta inferioridade da mulher débil (guiada pelo corpo) em relação ao homem que detém a razão (guiado pela cabeça) foi entendida por Stendhal (1822, citado por Gay, 1995) como uma estupidez masculina, já que a diferença entre os gêneros é vista na infância com um peso diferente:

---

5 Como veremos no próximo capítulo, segundo Gay (1995), Freud abriu um campo importante para o debate sobre a diferença entre homens e mulheres mostrando o oposto, a face da semelhança, a partir de sua tese da bissexualidade, ainda que não tenha de fato solucionado a questão da mulher.

*As pessoas concedem que uma menininha de dez anos é vinte vezes mais esperta do que o pequeno canalha da mesma idade. Por que ela é, aos vinte anos, uma grande idiota, desajeitada, tímida e com medo de aranhas, enquanto o jovem canalha é um homem de tino e inteligência? (Gay, 1995, pp. 293-294)*

Além de tímidas e desajeitadas, as mulheres eram vistas como frias e sem desejo, como forma de minimizar o impacto de qualquer excitação e manter a constância, e os homens, como animais e detentores dos desejos eróticos, podendo falhar em termos de conduta. Nessa hierarquia de gênero, a mulher era, portanto, mais ética que o homem e, devido à sua pureza, era o sustentáculo da cultura, mantendo o autocontrole em relação aos atos (âmbito externo) e aos sentimentos (âmbito interno). Aos homens, era permitido que o desenvolvimento moral fosse relativo<sup>6</sup>, podendo errar e obter a constância com o retorno apaziguador propiciado pela vida privada, encabeçada pela mulher. A mulher de verdade era, assim, aquela que não detinha nenhum interesse sexual (apática).

Segundo Santana e Senko (2016)

*Esse quadro de controle social desembocava, não raras vezes, em atos de grande violência. Exemplo disso é a proliferação, até então inédita, de prostíbulos por todas as grandes cidades da Europa. O “mal necessário”, visto como uma forma de proteger as esposas virtuosas dos acessos apaixonados de seus maridos impunha às mulheres “caídas” uma vida de miséria, abandono, violência e exclusão social. Essas mulheres eram confinadas em “casas de tolerância” constantemente fiscalizadas pelas autoridades públicas e visitadas por médicos para tentar evitar que as doenças venéreas*

6 Em relação a esta possibilidade errática permitida aos homens, segundo Hunt (1991), a título de exemplo, em 1792 foi promulgada na França uma lei que permitia o divórcio entre casais, de forma que o marido poderia alegar adultério a qualquer momento e a mulher só poderia fazê-lo caso fosse provado que o marido mantinha sua “concubina” na mesma casa que sua esposa. A mulher adúltera era condenada a uma pena de dois anos de prisão e o homem nessa condição estava isento de qualquer punição.

*não se proliferassem. Da mesma forma, os crimes hediondos, cometidos entre 31 de agosto e 9 de novembro de 1888, pelo célebre assassino serial Jack, o Estripador, atestam o grau de selvageria a que estavam expostas as prostitutas do distrito de White Chapel, reduto de miséria e violência, no mesmo centro do império vitoriano. (p. 192)*

Desta forma, do lado oposto às mulheres que se permitiam viver o *pathos* e assim seguiam segregadas do convívio social, havia as mulheres não patológicas, normatizadas e adaptadas às exigências sociais, porém também confinadas em um mundo severamente controlado. Birman (2016) chama isso de cartografia moral, em que há uma espécie de mapa que delinea o papel da mulher em âmbito privado e público, de forma que a governabilidade se dá no lar, entendido como o território da ordem e da civilização, o reduto da mãe; e o público é o *habitat* da mulher desejanse, não civilizada e desviante.

Nesse sentido, o controle das paixões era, também, uma forma de encobrir o caráter sexual da mãe, uma mulher sem sexualidade, que deveria atender ao clichê do sexo frágil misterioso (Gay, 1995), uma realidade psicológica que assombra homens e mulheres por terem sido carregados pelo ventre materno: há reações primitivas e infantis em relação à mulher, aquela que amamenta e que ao mesmo tempo é a fonte de perigos mortais<sup>7</sup>. Como forma de manter a figura materna intacta, além da existência de prostíbulos, observa-se o papel da criada doméstica, na maioria das vezes uma mulher camponesa, adentrando o lar burguês em uma espécie de *ménage à trois*, consolando o patrão a despeito da suposta falta de interesse sexual de sua mulher (que poderia, na realidade, encobrir o medo de engravidar), ou mesmo sendo responsável pela iniciação sexual dos mais jovens. Conforme aponta Corbain (1991), instala-se uma espécie de fetiche do avental, a serviço da libido burguesa.

Sobre esse aspecto da erotização da mulher e a libertação sexual, vê-se nos escritos do Marquês de Sade uma espécie de “Declaração dos Direitos do

7 Este aspecto será explorado em profundidade nos capítulos destinados à análise da obra de Winnicott, já que a questão da dependência à mãe na primeira infância foi um tema norteador de suas formulações teórico-clínicas.

Erotismo” (Hunt, 1991), como certa distorção do lema de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa, que ainda não alcançava a mulher (pelo contrário, colocava-a à mercê dos prazeres masculinos), de forma que

*A liberdade consistia no direito de buscar o prazer sem consideração pela lei, pelas convenções, pelos desejos dos outros (e esta liberdade, ilimitada para alguns, significava a escravidão das mulheres escolhidas). Buscavam-se os prazeres da igualdade, e ninguém tinha direito a eles por nascimento; venciam apenas os mais impiedosos e os mais egoístas (quase sempre homens). Haverá exemplo mais claro de fraternidade do que os quatro amigos dos Cent vingt journées ou da “Sociedade dos Amigos do Crime” em Juliette, cujos regulamentos e rituais parodiam a maçonaria e os milhares de Sociedades dos Amigos da Constituição (mais conhecidos como jacobinos) da década revolucionária? (Hunt, 1991, pp. 47-48)*

Apesar dessa insistência em não legitimar a mulher no campo público, uma análise rápida das obras de Sade, conforme sugere Hunt (1991), dá a impressão de o autor ter encontrado uma forma parcial de libertá-las no campo privado, de forma que suas personagens se tornam uma espécie de “prostitutas do lar”. No entanto, permanece nesse papel a mulher que tem como única identidade a disposição para a satisfação dos prazeres masculinos, sem que seus desejos genuínos pudessem ser atendidos de fato – uma relação de presa e predador.

Em relação à determinação dos papéis sociais entre homens e mulheres, uma vez estabelecida a dinâmica entre os gêneros, tem-se a formação do núcleo da personalidade que, segundo Leites (1987), é ancorado pela consciência moral e seu ideal normativo. A mulher pura era cobiçada e admirada pelos homens, e os homens luxuriosos e viris eram admirados pelas mulheres. Essa dialética suprimia qualquer alternativa de “escape” para a mulher que estivesse sempre em uma posição fixa e à mercê de um homem que a mantivesse presa à manutenção da moral e “apaziguada” da vida oscilante e errática que a ele

fosse permitida. Nesse contexto, a lógica era: “Mulheres femininas, homens masculinos” (Fontane, 1894), ou “Deixem os homens serem masculinos; e então as mulheres serão femininas” (Lienhard, 1901). A subordinação de uma mulher a um homem, assim, é a expressão de sua sofisticação e de seu requinte contido, que deveria ser mantido em detrimento à vida agressiva dos negócios, das atitudes vigorosas ligadas à política e ao direito mundano ao voto, aspectos rudes e causadores de embrutecimento.

De um lado, portanto, havia a concepção fálica do homem viril e do outro, a presença do útero, o órgão organizador da debilidade intelectual feminina, que delimitava o papel da mulher como criadora de filhos, de forma que a inserção na vida pública destruiria a família e a ordem natural.

*Em meados do século XIX, o ideal burguês de um marido que atendia às necessidades da família e de uma esposa que se consagrava ao lar estava de tal forma difundido que o recenseamento geral teve ocasião não só de mencionar uma nova categoria, as “mulheres do lar”, como também de afirmar em sua introdução ao relatório de 1951: “Todo inglês deseja profundamente possuir uma casa individual; é um quadro bem definido em torno de sua família e de seu lar – o santuário de suas dores, alegrias e reflexões”. (Hunt, 1991, p. 70)*

Para algumas mulheres do século XIX, a saída consciente em relação à disputa de poder com os homens era a manutenção do estatuto de “deusa do lar” (Gay, 1995) pela via da hipocrisia (professar um ideal e violá-lo imediatamente): o feminino atribuído a mulheres, visto como fraqueza pelos homens, a partir de “lágrimas, ataques histéricos e exibições ostensivas de vulnerabilidade e delíquios”, transformava-se em força, à medida que era utilizado para manipular maridos tirânicos ou como instrumento “técnico” para contornar situações de interesse.

Ainda que mulheres mais inteligentes e criteriosas utilizassem outras armas, a partir da reivindicação pelo voto, pela administração de suas propriedades e pela participação na vida pública, o paradoxo por trás da poderosa

e frágil mulher tocava também, de maneira inconsciente, a dependência oculta em relação às mulheres e, mais especificamente, à mãe. Isto porque, nessa lógica, há o feminino que nasce no lar comum, a partir de mães e esposas recatadas, e irradia-se pelo mundo, influenciando a vida pública dos homens. Ambas, assim, deveriam ser mantidas em casa: a feminista, devoradora de homens; e a frágil poderosa, a mãe de todos.

Dessa forma, dadas as características gerais apontadas em relação ao período vitoriano, o puritanismo e a questão da sexualidade, percebe-se que esse momento histórico estabeleceu uma inércia cultural em relação ao papel desempenhado pela mulher em torno da vida doméstica e que reverbera até os dias atuais, tendo como ponto central o aprisionamento ao casamento, monogâmico e heterossexual, e à maternidade, aspectos que remetem ao controle do *pathos* pela via da sexualidade reprimida, circunscrita no casamento; e à convicção, mesmo inconsciente, da precariedade da natureza humana, que depende inicialmente de forma absoluta da mãe para poder sobreviver.

### *Quadro geral sobre o feminino e a mulher em Freud*

Analisar as posições de Freud sobre o feminino e a mulher<sup>8 9</sup> é sempre uma tarefa complexa, pois há chances de reducionismo, qualificando-o de maneira implacável como aquele que se manteve no continente obscuro e aí permaneceu. No entanto, analisando-o como pensador, vê-se que há avanços e recuos em suas formulações. A seguir, tentaremos abordar estas diferenças.

---

8 A obra de Freud será citada mencionando-se apenas o ano de publicação do texto do autor, a partir da classificação proposta por Tyson e Strachey (1956).

9 A análise a seguir não pretende ser uma exegese da obra freudiana em relação à identidade e à sexualidade feminina. Pretende-se apenas localizar as ideias gerais do autor e seu percurso histórico para que seja possível chegar às contribuições posteriores de Winnicott sobre o tema, autor cujo corpo teórico-clínico será a estrutura fundamental da pesquisa desenvolvida.

## *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*

O texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905d), juntamente com *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900), configura-se como um dos trabalhos norteadores do autor, dada a sua importância para o entendimento da sexualidade e, portanto, do corpo teórico nuclear da psicanálise freudiana. Ao longo de 20 anos, após a publicação da primeira edição, o texto foi constantemente modificado por Freud, com destaque para a inclusão em 1915 de seções destinadas às teorias sexuais infantis e sobre a organização pré-genital, bem como da teoria da libido.

Nesse texto, Freud faz distinção, inicialmente, entre: o objeto sexual, ou seja, a quem a pulsão sexual estaria destinada; e o alvo dessa pulsão, que seria a ação pulsional em direção ao objeto, sendo a libido o *quantum* energético que se ligaria à pulsão para o encontro com o objeto sexual.

Para iniciar seu entendimento sobre a sexualidade, Freud deixa claro seu percurso: parte do que chamou de “as aberrações sexuais” para formular sua tese sobre a sexualidade infantil e sobre as transformações na puberdade, que determinariam as diferenças entre homens e mulheres, partindo assim do que considerava patológico para chegar ao entendimento da “normalidade”.

Nesse percurso, Freud demonstra seu conhecimento sobre a amplitude das escolhas de objeto sexual, por homens e mulheres, apontando para o que chamou de pessoas “invertidas” (homens e mulheres que não têm interesse sexual pelo sexo oposto, seja provisoriamente ou de maneira absoluta). Sobre esse aspecto da “inversão”, Freud assinala, além das questões relacionadas à escolha de objeto sexual, as características biológicas que determinam homens e mulheres, mas que, mesmo neste campo, apresentam componentes pertencentes aos dois sexos, na “normalidade” e nos casos de “anomalias”. Nesse momento, Freud admite a existência de uma bissexualidade, tendo como exemplo contundente o hermafroditismo.

Independente das questões anatômicas, e ainda pensando nas inversões, Freud está ciente da possibilidade de esta não ser uma condição

necessariamente fixa, de modo que seria possível experimentá-la após uma frustração com o que chamou de escolha de objeto sexual normal ou, por outro lado, poder ser ocasionalmente experimentada e depois abandonada. Porém, prevê casos em que essa condição pode estar presente desde sempre no desenvolvimento da vida sexual, sem nunca ser abandonada.

Freud é claro ao dizer que se torna inútil entender tais casos substituindo o problema psicológico (escolha de objeto sexual) pelo biológico (diferenças anatômicas), atribuindo, por exemplo, a existência de um “cérebro feminino” a um homem cuja escolha de objeto sexual é pelo mesmo sexo, sendo o “hibridismo psíquico” não necessariamente confluyente ao “hibridismo anatômico”. Nesse sentido, inversão e hermafroditismo não seriam condições intrinsecamente relacionadas. Essas indagações iniciais ajudaram Freud a entender que, inicialmente, a pulsão sexual não está amalgamada por um objeto específico, mostrando-se independente.

A partir desta constatação, Freud entende que ademais do que seria uma via normal de descarga sexual (a união genital por meio do coito que leva à extinção da pulsão), abre-se um campo para as perversões, sejam aquelas que se apresentam como desvios da satisfação sexual além dos genitais (transgressões anatômicas), sejam aquelas que buscam relações intermediárias com o objeto, não atingindo o alvo rapidamente. É neste campo das perversões que Freud pôde explorar as diversas fontes de prazer espalhadas pelo corpo, ampliando a sexualidade além dos genitais ou do que chamou de supervalorização do objeto sexual.

Na introdução desse tema, Freud aponta para a dificuldade de explorá-lo, principalmente em relação à mulher, que, “em parte por causa da *atrofia cultural*, em parte por sua *discrição e insinceridade convencionais*, permanece envolta numa *obscuridade ainda impenetrável*” [itálicos nossos] (Freud, 1905d, p. 92).

Essa afirmação já aponta para o campo do obscurantismo em relação à mulher na teoria freudiana e sua dificuldade de adentrar este campo. Peter Gay (1988), ao falar sobre a relação do criador da Psicanálise com as mulheres, ressalta a dificuldade expressa por ele, em vários momentos da sua obra, em lidar com esse “continente inexplorado” chamado mulher.

Apesar desse estatuto sobre a falta de acesso à sexualidade feminina, Freud aponta nesse texto a liberdade observada no caminho percorrido até atingir-se o objeto sexual, adentrando vias preliminares que exigem novos alvos, que não estão necessariamente ligados aos órgãos sexuais normais, abrindo espaço, assim, para pensar em uma satisfação sexual que não prescinde da dicotomia penetrar e ser penetrado (a) por um pênis (falocentrismo).

Como componente complementar desta dicotomia (penetrar *versus* ser penetrado), Freud, ao analisar os casos de sadismo e masoquismo, constata como sendo características humanas a atividade e a passividade, presentes em homens e mulheres, estando a atividade mais ligada à virilidade masculina e a passividade à atitude contemplativa ligada ao feminino, mas como elementos que dialogam entre si, formando sua tese inicial da bissexualidade.

Adicionalmente, Freud explicita o que entendia por caracteres anímicos femininos: “a timidez, o recato e a necessidade de ensinamentos e assistência” (Freud, 1905d, p. 89), sendo estes aspectos muito importantes no jogo sexual, de forma que, no caso de homens heterossexuais, este elemento é procurado nas mulheres e, para homens invertidos, um dos dois do par deveria apresentar essas características, sendo a mesma lógica aplicada às mulheres invertidas (uma das duas apresentar características masculinas).

No entanto, apesar do interesse de Freud em denominar o que seria normal, ao admitir a importância da existência do par de opostos na construção de relações sexuais, assumindo a dialética entre o masculino e o feminino, sem que isto se dê, necessariamente, entre pessoas de sexo biológico oposto, possibilita o entendimento de que o masculino e o feminino não são sinônimos de homem e mulher, respectivamente.

É nesse texto, também, que Freud retoma a afirmação “os sintomas são a atividade sexual dos doentes” (Freud, 1905d, p. 100), sendo essa sentença de grande importância para situar a questão da histeria (além das outras psicose neuroses) no recalçamento de afetos sexuais, negando-se a descarga por meio de uma atividade psíquica passível de consciência,

Após percorrer o caminho das perversões para chegar à sexualidade normal, Freud se atém à sexualidade infantil e às diferenças sexuais entre meninos e meninas. Nesse percurso, já anuncia o falo como o ponto central

da diferença sexual, a partir da ideia de que o menino espera que todos sejam como ele, possuidor de um pênis, não podendo apreender a falta como uma possibilidade.

*A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis. Tem pouca serventia para a criança que a ciência biológica dê razão a seu preconceito e tenha de reconhecer o clitóris feminino como um autêntico substituto do pênis. Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas consequências. (Freud, 1905d, p. 118)*

Neste trecho, Freud anuncia o falocentrismo como determinante, estando as meninas primariamente atraídas pela possibilidade de ter um falo. Mais adiante, ao falar sobre a puberdade, e a conjugação de pulsões parciais em subordinação ao primado da zona genital, Freud aponta para a divergência marcada entre homens e mulheres: “O do homem é o mais consequente e também o mais facilmente acessível a nossa compreensão, enquanto o da mulher representa até mesmo uma *espécie de involução*” [itálicos nossos] (Freud, 1905d, p. 126).

Adiante, ao dedicar sua atenção especificamente a este tema das diferenças entre meninos e meninas, Freud aponta:

*É certo que já na infância se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas; **o desenvolvimento das inibições da sexualidade** (vergonha, nojo, compaixão etc.) **ocorre nas garotinhas mais cedo** e com menor resistência do que nos meninos; nelas, em geral, **a tendência ao recalçamento sexual parece maior**, e quando se tornam visíveis as pulsões parciais da sexualidade, **elas preferem a forma passiva**. Mas a atividade auto*

*erótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos, e essa conformidade suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade. Com respeito às **manifestações autoeróticas e masturbatórias da sexualidade**, poder-se-ia formular a tese de que **a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino**. A rigor, se soubéssemos dar aos conceitos de “masculino” e “feminino” um conteúdo mais preciso, seria possível defender a alegação de que **a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina**, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher. [grifos nossos] (Freud, 1905d, p. 136)*

Nesse sentido, a *involução* da mulher estaria no fato de apenas atingir uma posição ativa no autoerotismo? Se assim for, parece que Freud entende que o prazer clitoriano, por exemplo, por não atender o alvo normal (genital) de satisfação por meio do objeto sexual, é mais passível à atividade e, assim, prescinde do pênis, enquanto a satisfação genital normal faz da vagina um órgão necessariamente disposto à passividade.

Nessa mesma direção, o recalçamento sexual mais acentuado em mulheres, segundo propõe Freud, não estaria mais ligado à construção social em torno de seu papel de recato (renúncia do prazer) do que propriamente a uma disposição de se manter passiva?

O deslocamento da excitabilidade erógena do clitóris para a vagina parece indicar a transferência do prazer sexual livre e fortuito localizado no clitóris para o recalçamento sexual a serviço da procriação, localizado na vagina, em que o pênis se mostra imprescindível. Freud entende que a histeria é a eliminação da masculinidade infantil, ou seja, da forma ativa e saudável de viver livremente a sexualidade que não conseguiu voltar-se para a satisfação pela via da genitalidade.

Sendo assim, o papel de recato e polidez colocado na mulher mostra-se como uma forma de garantir que a atividade sexual seja de dominação masculina e assim, falocêntrica. Nesse sentido, a suposta *involução* na mulher,

apontada por Freud, pode ser interpretada sob dois aspectos: o primeiro, pensando-se a involução como um movimento regressivo a partir do desenvolvimento normal; e o segundo, como algo que se volta para dentro.

Em relação ao primeiro aspecto, ao pensar o abandono do clitóris para a primazia da vagina como zona genital dominante, parece ser esta condição de fato um movimento regressivo, mas não por vias naturais, ou seja, não para atender a uma característica intrinsecamente feminina e sim, a serviço de uma evolução barrada em termos de satisfação erótica.

Já o segundo aspecto, que considera o movimento de voltar-se para o interior, quando aplicado à vagina, fixa-se à configuração anatômica deste órgão. Porém, esse movimento para o interno só pode ser considerado uma falácia evolutiva se o pênis for tomado como referência. Ambos os aspectos parecem indicar para um caminho tortuoso: o feminino é a negação do masculino (atividade) para atender à demanda genital, condição esta determinante para o estabelecimento de um estatuto em torno do pênis: “. . . no tornar-se mulher, faz-se necessário *um novo recalçamento*, que suprime parte da masculinidade infantil e *prepara a mulher para a troca da zona genital dominante*” [itálicos nossos] (Freud, 1905d, p. 144).

## *A dissolução do Complexo de Édipo*

Este trabalho deriva-se do texto *O Ego e o Id* (1920), em que Freud, após ensaiar possíveis diferenças na resolução do Complexo de Édipo para meninos e meninas, pretende apresentar uma explicação mais contundente a respeito do tema, influenciando formulações posteriores, principalmente as contidas no texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925j).

Neste texto, Freud (1924d) elucida o papel central da fase fálica como submersa ao Complexo de Édipo, de forma que a constatação anatômica de ter ou não um pênis torna-se norteador para o estabelecimento da fase genital. A partir da posse do falo, Freud propõe que há uma ameaça de castração, para o menino, daquilo que tanto começa a despertar seu interesse (o pênis), sendo

reforçada pela constatação de que as meninas, pessoas iguais aos meninos, não o possuem. A perda do pênis ficaria, assim, imaginável.

Em termos de descarga sexual, Freud propõe, inicialmente, que o Complexo de Édipo oferece dois tipos de satisfação, uma ativa e outra passiva, ocupando o lugar do pai para ter relações com a mãe, ou ocupando o lugar da mãe para ser amada pelo pai, respectivamente. Porém, com a centralização na questão do pênis, ser castrado por punição, no caso dos meninos, ou ser castrada como pré-condição, no caso das meninas, é o que determina a forma como a trama edípica irá se estabelecer.

Há assim um novo aspecto atribuído às noções de masculino e feminino, adicionando ao binômio ativo versus passivo o monismo ser castrado por punição ou pré-condição. Neste sentido, o Complexo de Édipo sempre resulta em perda fálica que instala o conflito entre possuir o falo (aspecto narcísico, porque se volta ao próprio corpo) ou investir libidinalmente nos objetos parentais, que pode ser resolvido pela via da identificação (formação superegoica a partir da interdição do incesto) e pela sublimação (a partir de impulsos de afeição). O superego e a sublimação protegem o falo da castração, deixando-o protegido e amortecido no período de latência para posteriormente na fase genital poder voltar a ser investido.

Até este momento, Freud se dá conta que estas formulações servem aos meninos, mas, às meninas, este campo “torna-se muito mais obscuro e cheio de lacunas” (Freud, 1924d, p. 104). Freud questiona as manifestações feministas acerca da igualdade entre homens e mulheres, dizendo reconhecer a existência de diferenças morfológicas importantes, o que colocaria em xeque uma suposta igualdade entre os sexos.

A menina, assim, segundo Freud, como já sabe que nasceu castrada, não precisaria desenvolver um superego que protegeria seu falo, como no menino a partir da interdição do incesto, sendo as leis civilizatórias adquiridas pela via externa (educação, por exemplo) e, assim, pela via da submissão. A possibilidade de ter um bebê, para Freud, confere posteriormente às mulheres uma espécie de compensação por não ter um pênis.

Se no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905d) a discussão era sobre o objeto e o alvo da pulsão sexual a partir da recusa da libido

masculina nas mulheres (aspecto ativo) para atingir o alvo normal de satisfação pela via vaginal (aspecto passivo), aqui, a discussão não é somente sobre a organização pulsional, mas sobre a impossibilidade de possuir o órgão masculino, determinante da posição das mulheres na cultura. Em texto anterior (Freud, 1905d), a vagina não era um pênis castrado, mas o órgão feminino que possuía o encaixe para que uma relação genital normal fosse satisfatória. Agora, além de abandonar o clitóris (pênis atrofiado), caberia à menina constatar que não possui pênis algum, passando a invejá-lo.

Neste caminho iniciado pelo abandono do clitóris para a emancipação da vagina, até a angústia de castração, Freud parece ter sido cada vez mais rigoroso com as mulheres, fazendo-as abandonar o prazer para focar na procriação (finalidade preponderante da relação sexual genital) e, na sequência, percorrer narcisicamente um pênis que falta, vivendo a angústia de não ser um homem, para então obter algum tipo de compensação pela maternidade, de forma que o bebê é um substituto do falo.

### *Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos*

Este texto, apresentado por Anna Freud no Congresso Psicanalítico Internacional de Homburg em 3 de setembro de 1925, em nome de Freud, é considerado uma das primeiras análises mais completas do autor a respeito da subjetividade das mulheres, resgatando pontos apresentados nos textos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905d) e *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924d), abrindo um campo de análise que será também trabalhado nos textos *Sexualidade feminina* (1931b) e *Feminilidade. Conferência 23. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1933a).

O elemento novo apontado por Freud (1925j) neste texto, em relação às mulheres, é a constatação de que, diferentemente dos homens, o Complexo de Édipo é secundário, pois a constatação da castração é pré-edípica, ao passo que nos homens, a ameaça de castração é consequência do Complexo de Édipo, etapa estruturante, neste caso. Pode-se, assim, dizer que na mulher o que é

estruturante é o complexo de castração e no homem, o de Édipo, sendo os dois derivados das diferenças anatômicas.

Neste contexto, haveria, assim, uma espécie de ética feminina que operaria diferentemente da masculina. Isso porque, sendo a castração determinante e primordial nas mulheres, o Complexo de Édipo não precisaria ser destruído para a instauração da moralidade (a menina já sabe que, por suas condições anatômicas, não pode ter a mãe como objeto de amor). Assim, o Complexo de Édipo, nas mulheres, permanece acessível à vida psíquica, estabelecendo traços de caráter determinantes de uma nova ética.

*Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres – que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade – todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos. Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor; mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto.*  
(Freud, 1925j, p. 153)

Mas, antes de apresentar esta nova formulação, Freud retoma a descrição do Complexo de Édipo, a partir de aspectos pré-edípicos de interesse aos órgãos genitais, ressaltando a existência do caráter bissexual, inclusive nos meninos, apontando para a importância de entender a atitude feminina e masculina para a resolução do complexo. Em relação às mulheres, Freud é

forçado a rever esta dinâmica, principalmente pelo produto final: a inversão do objeto de amor (da mãe para o pai), demonstrando um longo percurso precedente para que o Édipo seja alcançado.

Neste caminho, anterior à resolução do Complexo de Édipo, além da constatação de não possuir um pênis, há o que Freud denomina de ramificação do complexo masculino na menina, implicando, em alguns casos, em dificuldades tanto pela perseguição ao pênis (possuir o que falta) tanto pela convicção psicótica de ser um homem a partir da rejeição da vagina.

Dessa forma, Freud parece conceber que as consequências da inveja do pênis são devastadoras nas mulheres ao serem abaladas narcisicamente pelo registro de não serem como os homens. Este reconhecimento imprimiria um traço marcante de inferioridade bem como desenvolveria um desprezo universal pelas próprias mulheres, que, segundo o autor, em parte, dá-se pela própria condição de inferioridade posta pela mãe, aquela que gerou um ser castrado.

Nesse texto, Freud também retoma a questão da menina em torno do clitóris a partir da masturbação. A formulação proposta pelo autor é de que, pelo fato da menina abandonar o clitóris como zona genital dominante, suas atividades masturbatórias ficaram restritas, sendo esta passagem importante para que a feminilidade estivesse em curso em detrimento do traço masculino, representado pela atividade demandante do clitóris.

Por um lado, podemos pensar que, se Freud estiver correto, o abandono do clitóris (atividade) como fonte de prazer para a passividade em torno da vagina é a raiz de grande parte dos problemas relacionados à subjetividade da mulher (o próprio autor diz não ter dúvidas sobre ser este o elemento norteador). Foi esta passagem que instituiu o feminino como sinônimo de passividade e inferioridade. Ao acompanhar o pensamento freudiano, estamos diante de um grande acontecimento em torno do pênis. De fato, parece haver um componente simbólico neste órgão, mas a suposta proeminência atribuída a ele não seria consequência da supervalorização de um homem e não de uma mulher?

Freud também, nesse texto, retoma a ideia da equação pênis-bebê, colocando na maternidade o potencial desejanter da mulher, importante para que

possa transferir o seu objeto de amor da mãe para o pai, aquele que pode “dar filhos”, permanecendo com ciúmes da mãe. Neste sentido, aponta para as complicações, no caso de mulheres que não conseguem atingir este estágio, estando fixadas na identificação com o pai, não podendo ocupar um lugar mais feminino. Nesse caso, ser mulher é ser mãe.

## *Sexualidade feminina*

Após introduzir a importância do complexo de castração na constituição da sexualidade da mulher, presente nas etapas pré-edípicas, Freud retoma esta formulação neste texto do início dos anos 30 (Freud, 1931b). No entanto, o foco do autor é apresentar a passagem, na mulher, do negativo (castração) para o positivo (resolução do Complexo de Édipo), ressaltando não haver um “paralelismo nítido” entre o desenvolvimento do menino e o da menina.

Freud começa a dar-se conta da sua limitação quanto analista homem ao analisar suas pacientes mulheres, ocupando na transferência o papel de pai, não podendo alcançar com maior precisão como se dava a constituição psíquica da mulher. Foram algumas seguidoras contemporâneas do autor<sup>10</sup>, psicanalistas mulheres, que puderam contribuir com suas novas formulações, ao ocuparem mais livremente o papel da mãe na transferência com suas pacientes, podendo atingir o que para Freud parecia ser “. . . tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar” (1931b, p. 138).

O próprio Freud pôde encontrar nas contribuições de suas discípulas analistas consonância com algumas observações clínicas que obteve em casos de paranoia em mulheres, por exemplo, em que há a presença de hostilidade na relação da menina com a mãe, principalmente pelo fato da menina ter sido rigidamente educada ao recato corporal, que se transforma projetivamente em um temor de ser morta ou devorada pela mãe. Este mecanismo parece

---

10 As principais interlocutoras de Freud sobre este tema foram Helene Deutsch, Karen Horney, Josine Muller, Melanie Klein, Jeanne Lampl-de Groot, Joan Riviere e Marie Bonaparte. Ernest Jones e Karl Abraham também desenvolveram textos importantes sobre esta temática, que fomentaram discussões acerca da sexualidade feminina.

estar apenas presente na relação entre a mãe e a menina, como introjeção da construção social em torno do sentido de “ser mulher”.

Assim, com estas descobertas, Freud retoma a importância da relação de dependência com a mãe como referência para que a menina, posteriormente, possa vincular-se ao pai. Há assim uma distinção importante e, de certa forma, pré-condição, para que o complexo edípico possa ser estabelecido nas meninas. “À luz do exame anterior, concluiremos que sua atitude hostil para com a mãe não é consequência da rivalidade implícita no Complexo de Édipo, mas se origina da fase precedente, tendo sido simplesmente reforçada e explorada na situação” (Freud, 1931b, p. 141).

Adicionalmente, nesse texto, Freud retoma a questão da bissexualidade, mas agora ressaltando a importância desta para a constituição da sexualidade da mulher e nem tanto do homem, com base na tese da dupla de prazer masculino-feminino, clitóris-vagina, respectivamente, observada na mulher, em contraste com o homem, que possui uma maneira única de obter prazer pelo pênis (desde sempre, sem necessidade de abandono).

Essa retomada de Freud organiza e esclarece com mais detalhes o processo de abandono do prazer pré-edípico na mulher (clitóris), como única fonte de prazer, para a primazia vaginal, preponderante na fase genital. O autor assume agora que, apesar deste suposto abandono para atingir certa organização erógena (da fase fálica para a genital), não é universal a exclusão do clitóris na cena sexual genital adulta, participando ativamente, em alguns casos, para a obtenção de prazer.

Freud se deu conta de que não é possível, de fato, assumir o modelo de sexualidade de meninos e replicá-lo a meninas. Mesmo tendo admitido a prevalência do elemento masculino nas fases pré-edípicas, este masculino da mulher não se equipara ao masculino encontrado nos homens, passando a ideia de que haveria duas teses para a bissexualidade: uma para as mulheres e outra para os homens. Este redirecionamento de zona erógena preponderante (do clitóris para a vagina), portanto, do masculino para o feminino, acompanharia a escolha de objeto sexual na menina, da mãe para o pai, ou, em casos de fixação em um “complexo de masculinidade”, poderia levar à homossexualidade feminina.

Nesse sentido, o clitóris para Freud é um impasse no percurso feminino: ele pode aparecer nos jogos sexuais genitais posteriores, mas não pode ser preponderante. Caso contrário, o caminho em direção à genitalidade ficaria difuso.

A partir dessas formulações, pode-se indagar que, do ponto de vista da mulher, a falta feminina estaria mais relacionada ao abandono do clitóris para a primazia da vagina, caso ele não possa ser reintegrado na relação sexual, e não pela constatação de ser castrada em comparação com o pênis. A referência fálica, assim, parece ser o clitóris perdido e que analogamente pode ser transferido ao pênis: “Perdi minha fonte de prazer para ter bebês. Mas, os homens não perdem nada: sentem prazer e fecundam mulheres. Deve ser bom ter pênis”. Portanto, na realidade, o percurso freudiano que ressalta a perda do clitóris para a emancipação da vagina aponta para a castração que deve ser elaborada, que vai na direção do abandono do prazer para a emancipação da procriação. Esta seria, assim, a verdadeira castração sofrida pelas mulheres e motivo de depreciação na cena sexual: a menos valia da mulher no âmbito do prazer.

Esse processo ocorre a partir da relação da menina com a mãe, que interdita a masturbação clitoriana, ao mesmo tempo em que é o objeto de amor da menina. Freud aponta para a relação de ambivalência acentuada entre a menina e a mãe, que permanecerá ativa como a base da subjetivação da mulher, diferentemente do menino, que poderá transferir todos os elementos hostis para o pai, quando estiver pronto para ocupar seu lugar. Essas suposições, porém, ressalta Freud, eram incipientes em sua época e precisariam ser revisitadas e analisadas ao longo do desenvolvimento da Psicanálise.

Adicionalmente, há um elemento colocado por Freud que é a maneira como a passividade e a atividade verificadas nas meninas estão presentes desde sempre na relação com a mãe: ser cuidada pela mãe em todos os aspectos exigidos pela maternagem seria o caráter passivo, que logo vai buscando o contorno da atividade, quando a bebê não apenas é alimentada pelo seio, mas quando procura sugá-lo intensamente, por exemplo. Posteriormente, o jogo entre a passividade e a atividade passa a integrar a cena lúdica:

*Raramente ouvimos falar numa menina que quer lavar ou vestir sua mãe, ou que lhe diga para efetuar suas funções excretórias. Às vezes, é verdade, ela diz: 'Agora vamos brincar que eu sou a mãe e você é a filha'; geralmente, porém, realiza esses desejos ativos de maneira indireta, em seu brinquedo com a boneca, brinquedo em que representa a mãe, e a boneca, a filha. A predileção que as meninas têm por brincar com bonecas, em contraste com os meninos, é comumente encarada como sinal de uma feminilidade precocemente desperta, e isso não sem razão; não devemos, porém, desprezar o fato de que o que nisso encontra expressão é o lado ativo da feminilidade e que a preferência da menina por bonecas provavelmente constitui prova da exclusividade de sua ligação à mãe, com negligência completa do objeto paterno. (Freud, 1931b, pp. 144-145)*

Tem-se assim uma nova concepção para a tese da bissexualidade: o jogo entre a passividade e a atividade acompanha a organização das zonas exógenas, desde a fase oral, passando pela anal até a fálica, permanecendo neste aspecto de forma similar em ambos os sexos, com a mãe como objeto preponderante. Ao atingir a fase fálica, porém, ocorre um afastamento da menina em relação à mãe, que, para Freud, é decisivo para que a feminilidade possa surgir, após o abandono da masculinidade (atividade clitoriana).

*Com o afastamento da mãe, a masturbação clitoriana não raramente também, e, com bastante frequência, quando a menina reprime sua masculinidade prévia, uma parte considerável de suas tendências sexuais em geral fica também permanentemente danificada [sic]. A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escapam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana à mãe, ligação que superou. (Freud, 1931b, p. 147)*

Ao final desse artigo, Freud dialoga com seus principais interlocutores e observa-se o quanto, apesar de por algumas vezes afirmar desconhecer o terreno em que se constrói a sexualidade feminina, o autor parece ter se convencido de alguns pontos cruciais neste percurso que apontam, principalmente, para: a importância das etapas pré-edípicas para o desenvolvimento sexual da menina, tendo como ponto central a ligação de amor e de hostilidade na relação da menina com a mãe; e a presença inicial de um elemento masculino (clitóris) que precisará ser abandonado para o encontro com a feminilidade (primazia vaginal), reforçado pela constatação da castração (inveja do pênis), de importância primária para Freud na constituição da sexualidade da mulher.

### *Feminilidade. Conferência 23. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos.*

No início desse texto, Freud (1933a) anuncia que as formulações que serão expostas quase não terão acréscimos teóricos, mas se basearam em evidências clínicas que o fizeram desenvolver observações adicionais a respeito do “enigma da natureza da feminilidade”.

O autor apresenta o problema em torno da definição do que é ser homem versus o que é ser mulher, apontando inicialmente que, mesmo os aspectos anátomo-biológicos indicam uma proporção entre elementos masculinos e femininos em todos os indivíduos, não podendo haver nenhuma possibilidade de purismo de gênero.

Dessa forma, o autor retoma a noção de bissexualidade, desconstruindo algumas posições antes colocadas: que atividade é sinônimo de masculinidade e passividade, de feminilidade; que exclusivamente ao feminino cabe o cuidado aos filhos, na função materna (em algumas espécies há divisão desta tarefa entre machos e fêmeas); e que na própria natureza humana, o ato de amamentar envolve uma atitude ativa da mãe em relação ao bebê, que, por sua vez, também se mostra ativo ao sugar o seio materno. É nesse sentido que não se pode mais

admitir que ativo e passivo signifiquem masculino e feminino, respectivamente.

Até este momento, tem-se a impressão de que Freud está mais maduro em suas formulações, combatendo alguns mal entendidos da sua época. Na sequência, retoma os pontos já discutidos nos textos anteriores, descrevendo o percurso do desenvolvimento sexual da mulher já descrito.

Porém, ao falar da situação edípica, peculiar no caso das meninas, em que a resolução de ter o pai como objeto de amor é um refresco para a constatação de ser castrada, faz provocações às feministas dizendo estar convicto de que a formação superegoica das mulheres seria comprometida.

Apesar dessa suposta convicção, Freud, nesse texto, afirma que os elementos expostos ajudariam a entender a pré-história da mulher, não podendo fazer apontamentos que seguissem além da resolução do Complexo de Édipo, de forma que o enigma em torno da mulher permaneceria ainda, visto as observações acerca da alternância entre o masculino e o feminino no decorrer do processo de desenvolvimento sexual.

Nesse texto sobre o tema da feminilidade, Freud oscila entre constatar a dificuldade de ser, ele próprio, um homem na busca do entendimento das condições idiossincráticas a que a mulher está submetida pela via de seu desenvolvimento sexual e a reafirmação masculina de que as mulheres: permanecem como um enigma, um problema de difícil solução; apresentam uma formação superegoica falha (possuem a inveja como predominante em sua constituição psíquica, dificultando o senso de justiça); sentem vergonha diante da inferioridade de seus órgãos genitais; têm pouca contribuição para a história da civilização, a não ser por saberem “tecer e trançar”; obtêm na maternidade e na feminilidade “as inestimáveis tarefas sociais a seu cargo”; e são mais débeis em seus interesses sociais que os homens, com menor capacidade de sublimar seus instintos.

Adicionalmente, após essa lista sobre traços de caráter observados comumente em mulheres, Freud sugere que o trabalho analítico com esse segmento parece ser inócuo em termos de desenvolvimentos gerais, apenas útil na eliminação de sintomas, dada a rigidez feminina. É como se constatasse que a menina, após tantas renúncias e abandonos, precisaria fixar-se em algumas

posições para que a complexidade de seu desenvolvimento sexual não viesse à tona.

No final do texto, Freud conclui:

*Isto é tudo o que tinha a dizer-lhes a respeito da feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre parece agradável. Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes. (Freud, 1933a, p. 90)*

Assim, ao final deste longo percurso, de 1905 até 1933 (vinte e oito anos de estudos, formulações e reformulações), há de se reconhecer a sinceridade de Freud em relação ao pouco desenvolvimento das questões ligadas à sexualidade da mulher em sua obra e à sua clássica pergunta “O que quer uma mulher?”, ato defensivo sob o manto de um clichê moderno em torno da mulher como continente inexplorado, e que, ao mesmo tempo, denuncia sua impotência diante do assunto.

Depois de todas as explicações intrincadas em busca da primazia genital para tornar a mulher prioritariamente feminina em seu desenvolvimento psicosssexual, Freud nos convida a buscar outras fontes de explicação.

## *Considerações finais*

Os textos freudianos nos convocam a pensar como Freud, a partir de formulações gerais, tratou das influências do puritanismo em sua teoria da sexualidade e como elucidou a questão específica sobre a sexualidade das mulheres.

As formulações de Freud em relação às históricas e à psicanálise em geral, surgem em um período no qual se tentava suplantar a qualquer custo as questões ligadas à sexualidade. Ao expandir o conceito, Freud percebeu que a sexualidade era uma dimensão fundamental das pessoas e colocou à frente o que deveria ser devidamente reprimido. A elaboração da ideia de inconsciente e sua primazia em relação à consciência propõe a existência de uma governança sexual obscura. Porém, é uma formulação geral (mesmo partindo da histeria), com nenhum destaque especificamente à questão da sexualidade feminina, peça-central para entender a etiologia da histeria e sua relação com a ordem repressiva do puritanismo aplicada às mulheres.

Depois dos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905d), Freud vai dedicar-se com mais atenção à questão da sexualidade feminina nos textos sobre o Complexo de Édipo (Freud, 1924d, 1925j), e na década de 30 (Freud, 1931b, 1933a), com textos específicos sobre o tema. Desta forma, Freud manteve a tese da bissexualidade como interpretação das sexualidades masculina e feminina, fazendo reformulações e complementos a partir do surgimento da problemática da feminilidade nos anos 30, após publicações específicas realizadas por suas principais interlocutoras.

Ao pensar a clínica psicanalítica como uma fonte de efervescência na compreensão da natureza humana, Freud desenvolveu uma teoria capaz de explicar as consequências patológicas decorrentes das demandas reprimidas pelo puritanismo, mas reforçou o retorno à vida doméstica pelas mulheres em torno da figura da mãe<sup>11</sup>, atendendo ao ideal da mulher do lar. Assim, o

---

11 Em nota de rodapé, Gay (1995) comenta sobre o “amalgama de burguês conservador e cientista revolucionário” presente em Freud, citando uma carta endereçada à sua noiva e futura esposa, Martha Bernays. que mencionava a ideia de que toda mulher podia ser dominada por um homem porque por trás de uma mulher de verdade havia uma senhora que posava de escrava (pp. 328).

percurso freudiano o desviou dos desejos de algumas mulheres (não necessariamente de todas), ainda que os elementos fundantes da psicanálise estivessem colocados a partir de um conflito sobre a sexualidade feminina<sup>12</sup>.

---

12 Uma compreensão mais aprofundada sobre a relação de Freud com as mulheres pode ser encontrada em: Gay, P. (1989). *A mulher, o continente negro. Freud: uma vida para o nosso tempo* (pp. 454-474). São Paulo: Companhia das Letras.

